# aurora  obreira

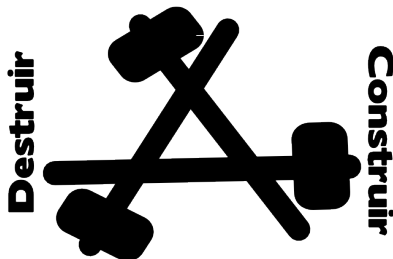
desde 2010

nº 87


NOSSA ARTE NÃO CABE
NAS SUAS REGRAS,
NAS SUAS LEIS
NOS SEUS TABUS,
NOS SEUS PRECONCEITOS!

aurora  obreira

desde 2010

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo,sem partidos, sem religião, sem Estado.

Número 87 - Ano 7 - Junho 2018. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, Associação das Trabalhadoras pela Base, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net



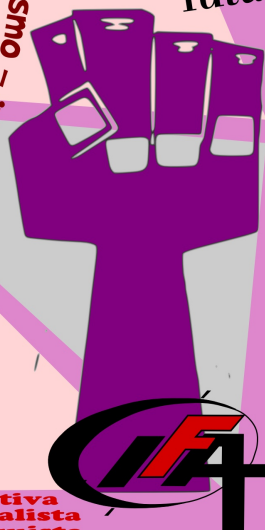
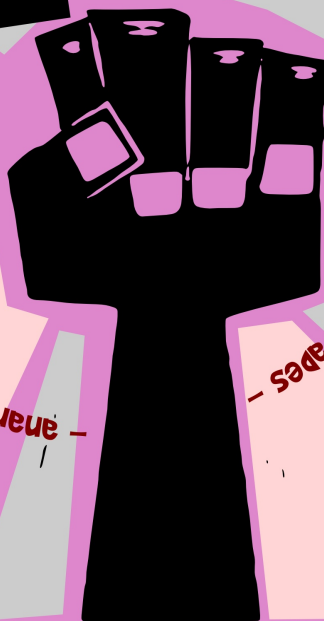
http://anarkio.net

# ANARQUISTA

## Construir a emancipação através de nossa união!

anarkosindicalismo – anarkocomunismo – anarcoletivismo – individualidades – anarkafeminisma – anarkopunx – anarquia verde –

IFA BRASIL

solidariedade
federalismo
autogestão
igualdade
liberdade
dignidade
luta

anarkio.net

LIGA

COMUNA ANARC@PUNK AURORA NEGRA (SP)

iniciativafa-bra@riseup.net
fenikso@riseup.net
liga-rj@riseup.net
revoltaap@gmail.com

**Iniciativa Federalista Anarquista**
associada a Internacional de Federações Anarquistas

IFA

www.i-f-a.org

# ANARQUIA É ORGANIZAÇÃO SEM PARTIDO, SEM PATRÃO!

**Anarquismo é organização direta, autogestão e união contra exploração e opressão sem estado, sem religião!**

NEM A DITADURA DO CAPITAL, NEM A DITADURA DO "PROLETARIADO"!

lobo@riseup.net

fenikso@riseup.net

ANARKIO.NET

# Por um Mundo Livre

Uma militante anarquista escreve, diz, e por vezes grita e age em torno e por seu ideais.

Não para um manifesto partidário a ser unido aos de muitos partidos, nesses momentos eleitorais ilusórios, enchem nossas caixas de mensagens, nos entopem sediosas e falsas campanhas que só mantem as opressões e explorações de todas as pessoas.

Nunca para isso. Não pedimos que as pessoas nos carreguem para os antros legislativos e governamentais. Nunca pedimos votos e jamais os pediremos como pessoas anarquistas.

Assim como não pedimos votos, não oferecemos votos e nem fazemos "voto útil" com medinho de grupos opressores e exploradores. Com voto ou sem, esses grupos

já nos oprimem, nos exploram e tem nos perseguido há muito tempo. Não será com um voto ou eleição que isso irá terminar.

Em nenhum momento, pessoas anarquistas se ofereceram para representar o povo, porque ao povo cabe cuidar de seus proprios direitos e interesses. Não somos mentores da população, porque somos do povo e assim lutamos. Vanguardas só servem para alimentar tiranias que se tornan cegas as demandas populares.

Afirmamos uma consciência com princípios sentidos e pensados da melhhor forma, convictas do propósitos de ação, serena mas decidida, contra todas as formas de tirania, de exploração e de embrutecimento exercidas contra a população e de luta em prol da emancipação total, da mais  ampla liberdade e bem-estar para todas.

Estamos convencidas de que os ideais comprimidos nas sublimes concepções de excelentes cérebros e sublimados na odisseia empolgante de gerações de lutadoras abnegadas, atingiram o seu máximo grau de desenvolvimento e reclamam o lugar que lhes compete na história da vida humana.

É a finalização dos anacronismos que, em mil formas político-sociais, entravam o desenvolvimento da conexão humana, sacrificando o Planeta em proveito de uma minoria parasitária.

E o Brasil, que têm a sua vida estreitamente ligada, em todas as suas manifestações, à dos demais países, está submetido ao mesmo odioso e condenado regime da propriedade privada e da autoridade, que permite a aberração da exploração de um ser por outra criatura.

Aqui, como em outros lugares, há uma

população imensa que adoece e reclama.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade só existem como grosseira expressão oca, rotulando muita miséria e opressão.

Os sonhos que animaram as mentes privilegiadas das mártires da independência, das pessoas heroinas da abolição e da cruzada republicana desfizeram-se desoladoramente nessa coisa sem forma que a todas infelicita.

Urgente, portanto, prosseguir na obra principiada pelas abnegadas de outrora, para que, quando além das fronteiras convencionais destruir fragorosamente as prissões apodrecidas do regime social dominante, também a população desta terra, no arreial de um novo e sublime 1 de Maio, conquiste a sua liberdade definitiva, fazendo com que o Brasil, em toda a sua grandiosidade, passando a pertencer a todas as suas habitantes, a todas proporcione a vida simples e feliz que a exuberância trabalhada de suas riquezas naturais permita.

As pessoas de consciência aberta e livre, à mocidade sempre propensa à defesa das grandes causas, a todas quantas resistem às corrupções desta sociedade falida, as pessoas exploradas e oprimidas, ao povo que trabalha e sofre incumbe a consecução dessa enorme obra, mas necessária.

Com todas estarã as pessoas anarquistas nessa libertação, abnegadas e com sua sinceridade de todo um longo passado de esforços desinteressados e de sacrifícios suportados serenamente na luta em prol de uma causa comum que, sendo de todas, é também anarquista.

Ante o Período Agônico da Sociedade Capitalista

# SITUAÇÃO DE SOBRESSALTOS, VEXAMES E MISÉRIAS

Estamos vivendo em plena decomposição geral de valores, em plena crise de instituições e de sistemas. Nada resiste à picareta demolidora dos tempos, e muito mais do que a crítica certeira e racional dos pensadores, fizeram, nos últimos anos, os próprios acontecimentos em sua eloquência grandiosa e brutal.

As guerras que arruinaram o mundo, arrasando cidades, devastando os campos, espalhando a miséria e a dor, desorganizando e corrompendo, foi a trágica manifestação de mais uma das crises agônicas da sociedade em que vivemos baseada no regime do choque de ambições e da exploração do homem pelo homem.

Por isso, o seu edifício estremece nas bases, desconjunta-se por todos os lados e ruirá ao fragor da hecatombe de uma nova e ainda

mais horrível convulsão guerreira.

Milhões de criaturas passam fome ou vivem sujeitas ao regime de meia-ração, ao mesmo tempo que se limita a produção do que é necessário para alimentar e para vestir quem de tudo precisa, e isso para permitir aos abastados, que já vivem fartamente, maior acúmulo de riquezas por meio de suas manobras altistas.

Havendo multidões de necessitados por todo o mundo chega-se a deixar apodrecer, em esconderijos, mercadorias que poderiam beneficiar milhões de famintos. E isso por que? Para elevar os preços de tudo e permitir, dessa maneira criminosa, que os capitalistas aumentem ainda mais os capitais, que, assim, tudo conseguem dominar.

A produção não se faz para satisfazer às necessidades coletivas, isto é, de cada uma das criaturas humanas. Produz-se unicamente como, quanto e quando convém aos capitalistas.

Tudo, tudo se maneja, se orienta, se movimenta no sentido de atender às conveniências de ganho da minoria que está de posse de todos os meios de produção e da terra.

O que impera é o regime do privilégio, no qual essa minoria tudo maneja de conformidade apenas com os seus interesses particulares, com a sua ambição de ganho. A sua finalidade única é acumular riquezas, embora, para isso conseguir, tenha de causar toda sorte de misérias e sofrimentos, mesmo à custa dos descalabros das guerras.

Falência do Regime Capitalista — É preciso, portanto, que seja a expressão circunstancial. Sem essa condição não conheceremos dias melhores.

Enquanto em economia não se proceda segundo o princípio de satisfação das necessidades, com exclusão do critério da especulação e da ganância, continuar-se-á avançando pelos mesmos trilhos de miséria em meio da abundância, ou melhor dito, das possibilidades da abundância.

Possuem-se os meios para nadar na abundância, máquinas, matérias-primas, braços humanos e sucumbe-se na miséria mais pavorosa. A Humanidade poderia ser feliz e é desditosa no mais alto grau. Parecia a princípio uma crise periódica, passageira, fácil de remediar com um simples reajustamento; mas os anos passam, passam-se os lustros, e verifica-se que não se trata de uma crise, mas da falência do próprio regime, da quebra total do sistema capitalista, o que estamos passando. Todo mundo concorda nisso mas trata-se ainda de procurar a solução na linha do privilégio, excluindo-se as massas produtoras da direção de sua vida, do seu trabalho e de seu destino.

Jamais se apresentou na história um momento que reúna tantas condições favoráveis para a mudança do regime. As velhas instituições, as velhas interpretações morais, políticas, sociais, econômicas estão falidas. Bastaria um impulso final para que toda essa podridão que o passado nos legou rodasse para o abismo e para que os povos pudessem, por fim, ser responsáveis pelos seus próprios destinos".

Os governantes de todos os países vivem em azáfama assoberbante, desdobrando-se numa ininterrupta sucessão de congressos e conferências, de conciliábulos e entrevistas de cúpula, de chefes de governo, que quase sempre fracassam, brotando, às vezes, de toda essa assoberbante atividade, acordos e tratados platônicos de todo o gênero, condensando planos e programas de reformas as mais diversas e com as quais se pretende tangenciar os choques de ambições e evitar a derrocada do regime em falência. São escoras colocadas às pressas nos pontos mais perigosos do

edifício periclitante e que ameaça ruir ante o impeto tremendo do arrasador furacão social que sopra de todos os quadrantes do mundo. São reformas que não permitem alimentar esperanças de salvação, pois sua estrutura está abalada desde os alicerces, patenteando-se a urgência de se cogitar de nova construção.

E surge daí, numa agitação que se estende irresistível pelo mundo afora um movimento de renovação social que, para uns, se limitará a melhorias de caráter imediato nas condições do povo e, para outros, deverá chegar até uma transformação completa, com modificações radicais nas bases político-econômicas da sociedade.

Os povos da África e do Oriente submetidos ao regime colonial agitam-se num irresistível movimento de libertação; a instabilidade dos governos patenteia-se pelas contínuas revoluções que eclodem desde a América ao extremo Oriente.

Sem dúvida, a Humanidade atravessa, neste momento sombrio de sua história, um ambiente de guerra fria com perspectivas da mais horrível das guerras — a guerra atômica — um período de transição, do fim apocalíptico de um ciclo de civilização para início de outro essencialmente diverso em seus fundamentos.

A institução baseada no domínio da burguesia demonstrou a sua incapacidade para dar solução aos problemas basilares da comunidade humana, cujos destinos vem manobrando soberanamente.

O Recurso do Estado Totalitário — "O Estado moderno, fracassado com suas roupagens de liberalismo e em seus ensaios democráticos, já não se pode manter senão como Estado totalitário, com poder onímodo em economia, sem freio ou escrúpulo de nenhuma espécie quando se trata de salvar a sua existência, ainda que seja por pouco tempo...

Aparece o Estado totalitário. Os capitalistas demonstram a sua importância para entrar em novos roteiros, procurar novas soluções, para superar as conseqüências da falência do seu sistema.

Pois bem: opina-se que os capitalistas, como governantes, saberão fazer milagres. A direção da economia estava, até aqui, no capitalismo privado. Daqui por diante estará nas mãos do Estado.

É tudo quanto a inteligência da burguesia, secundada pelos esforços marxistas, soube apresentar como solução ao desequilíbrio da sociedade. Um Estado totalitário, diz-se, conseguirá superar as contradições dos capitalistas rivais, suprimir os conflitos da luta de classes, fazer do organismo econômico de cada pais uma máquina poderosa que responda a uma só vontade e a uma só pressão.

Por outro lado, o Estado totalitário é a idéia da autoridade levada à sua máxima expressão.

Tem necessidade de fortificar as suas instituições, de reforçar o seu militarismo, a sua burocracia, as suas polícias, e só esse fato, que encarece horrivelmente as cargas tributárias, é o melhor argumento para predizer o seu fracasso.

Um dos males básicos das sociedades contemporâneas é a carga formidável do parasitismo fiscal. O Estado moderno é insuportável, não só porque é tirânico, mas, sobretudo, porque é excessivamente caro e porque as suas funções essenciais são obstáculos ao bom desenvolvimento social. Nem a guerra, nem a burocracia, nem o aparelho policial, cada vez mais poderoso, são fatores de progresso social mas entraves ao mesmo progresso. O Estado totalitário aumenta essas cargas parasitárias, conforme no-lo têm demonstrado os países onde se tem ensaiado e se pretende ensaiar.

Nessas condições não pode ser superada a crise do sistema, a falência da economia capitalista; ao contrário, tem que forçosamente ser agravada. A supressão dos gritos de protesto e

rebeldia não implica na supressão das causas da dor e da razão do protesto.

Complemento, do racismo e de qualquer outra coisa que tenda a suprimir a personalidade ante uma divindade mais poderosa. E o nacionalismo é a guerra. E a guerra é a causa de novas calamidades, de novas degradações dos sentimentos e do pensamento humano".

Possibilidades de Uma Vida Melhor — "Vivemos morrendo lentamente, consumidos pela ignorância e pelas privações, não obstante tudo haver para viver plenamente e desfrutar a vida. Há no mundo, principalmente nos países americanos, terras de sobra para trabalhar e produzir; há braços em abundância — muitos milhões de pessoas em desemprego forçado em muitas partes do mundo, sem contar muitos outros milhões de gente em plena idade de trabalho e afastados de seu labor útil e proveitoso —; há capacidade técnica, conhecimentos científicos suficientes para tornar mais leve a tarefa produtiva e aumentar o rendimento do esforço humano. Poderíamos viver como corresponde à nossa qualidade de seres humanos, desfrutando os benefícios da vida, da ciência e da arte...

E a maioria das pessoas não come todos os dias e não come nunca até à saciedade.

Noutros tempos a capacidade produtiva de um país tinha um limite; hoje esse limite, se existe, encontra-se tão longe que nem sequer vale a pena recordá-lo. O mundo poderia tornar-se um verdadeiro laboratório de riquezas que todos poderiam desfrutar. Bastaria que fossem aproveitadas todas as forças e energias existentes, transformando-se os campos desolados em searas promissoras, aproveitando-se as correntes dos rios, e a força replantando os bosques, construindo caminhos e canais, multiplicando as escolas e as universidades etc.

As pessoas anarquistas acham que a reforma libertária das bases da sociedade é a única forma de encurtar a distância que há entre a maneira como vivemos e aquela como poderíamos viver, porque sabem quanto pode produzir o trabalho; porque não só lhes atormenta a própria penúria, mas a ruína de toda uma geração capaz de ingentes esforços e sacrifícios, porque os move e ideal de um mundo redimido e livre que poderia construir, sobre um passado de ignomínias e servilismo, um presente e um futuro de fecundas forças criadoras".

Reorganização Econômica, e Social — "Se queremos salvar-nos temos que procurar a salvação em uma transformação radical econômica e social, de forma que os lugares de trabalho sejam abertos a todos os que desejam trabalhar que as barreiras que impedem o livre câmbio dos valores produtivos, intelectuais e artísticos, sejam suprimidas para sempre, que se restabeleça o equilíbrio inevitável entre os meios de que dispomos para um viver melhor para toaos e a impossibilidade de pô-los em função em benefício das contradições inerentes ao capitalismo. Em vez de se continuar mantendo um regime político e econômico que, por um lado, deixa de braços cruzados muitos milhões de pessoas operárias industriais e de trabalhadoras do campo, além de sustentar muitíssimos milhões de pessoas parasitas em funções inúteis do estatismo e saciar os apetites das minorias privilegiadas, é preciso organizar-nos, como pessoas produtoras e consumidores, de uma forma eficiente que permita a cooperação fraternal na produção e a distribuição eqüitativa e igualitária da riqueza social.

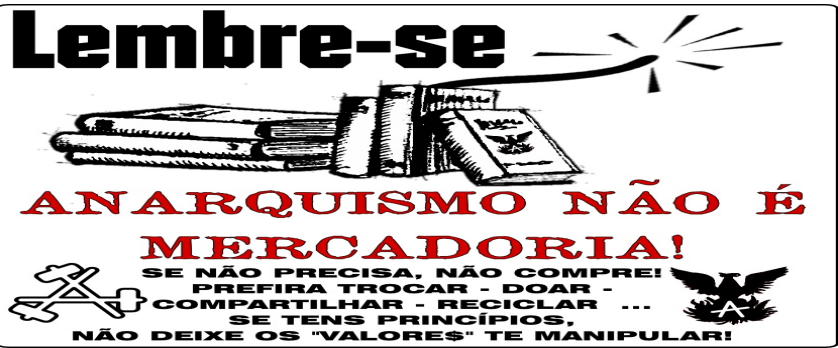
Tudo foi criado pelo trabalho, e o que foi usurpado à coletividade pela astúcia ou pela força, para chegar à situação catastrófica em que nos encontramos, deve voltar ao trabalho, legítimo dono de tudo.

Nem o capitalismo nem o Estado têm uma base de ação econômica tão completa como a que têm os elementos de todas as atividades produtoras, livremente organizadas para uma ação de conjunto. Para elas seria relativamente fácil, hoje mesmo, controlar a produção e a distribuição de acordo com o princípio da satisfação de todas as necessidades. Com isso ganhariam até mesmo aquelas que hoje, devido à viciosa organização vigente, exercem funções parasitárias; os que por nascimento, por educação ou por causa das condições atuais se acham a margem das atividades produtivas em funções que intimamente talvez lhe repugnem, como, por exemplo, as de simples funções de guarda da burguesia. Com qualquer que seja o regime político estatal, teremos de um lado uma ínfima minoria que pode gozar a vida; seguindo-lhe os passos, para defender-lhe os privilégios, elementos organizados para a

compressão e burocratas, sem contar as séries sem fim de intermediárias inúteis da engrenagem financeira do capitalismo; de outro lado a multidão trabalhadora degenerando na miséria, criando uma raça anêmica, sem energia, sem vontade, sem nervos. Somente uma socialização da riqueza, das fábricas e dos meios de transporte, das minas, das instituições de ensino, das terras na base cooperativa, pode fazer do mundo uma vasta comunidade igualitária de trabalho e transformar, em poucos anos, o seu aspecto e as suas possibilidades materiais e humanas".

Ante Dois Caminhos — "É preciso que nos decidamos, de uma vez por todas, a escolher o caminho que devemos seguir. De um lado está o Estado, quer dizer, o capitalismo, que significa a guerra, a desocupação, o esmagamento dos produtores por pesadas cargas fiscais e pelas perseguições ao pensamento e às suas ações livres; de outro lado está a socialização da economia, a entente direta dos produtores para regular a produção e a distribuição segundo as necessidades coletivas, sem tributos ao Estado, sem benefício de empresa, sem interesse de capital, sem arrendamento das terras, ou seja, sem o parasitismo econômico, político e social, sem trabalhos improdutivos e socialmente prejudiciais, sem ameaça de morte prematura pela fome, pela guerra, pelo aniquilamento.
Um desses caminhos precisamos escolher.
"E quiséramos que os que todavia vivem de ilusões ditatoriais, de mitos de governos proletários, compreendessem já, pois é hora, de

entender que o capitalismo de Estado não equivale à supressão do capitalismo nem conduz a outra coisa mais do que à uma reanimação passageira do capitalismo; que o governo "do proletariado" não é mais do que um governo como qualquer outro, pior todavia, porque escravisa mentalmente as suas instituições os trabalhadores com a esperança de soluções impossíveis.

Há uma estrada diferente a seguir, a preconizada pelo anarquismo, a da socialização e do acordo mútuo das pessoas produtoras, de todas as produtoras que, de fato, o sejam, de todas as consumidoras, à margem de particularidades e tendências pessoais, pois todos têm o mesmo interesse básico: ter direito, como produtor, àquilo de que precisar. E todos os produtores aspiram a isso. As pessoas anarquistas propõem a única solução que pode realizar esse ideal dos que trabalham: o ideal de gozar o resultado dos próprios esforços, só possível em uma economia socializada. Por esse caminho o mundo se converterá em uma alavanca de energias produtivas e mostrará a senda que conduz à liberdade e à felicidade, ao aproveitamento pleno da ciência e da técnica para prosperar e progredir até o infinito. Se todos refletissem um pouco, veriam que até mesmo o patriotismo precisa tomar o caminho da socialização, que é o caminho da vida, do trabalho de todos para todos, da segurança geral".

As pessoas anarquistas no Roteiro da Libertação — "As pessoas anarquistas aspiram a um regime libertário, onde a lei seja o livre acordo, sem autoridades, onde impere o apoio-mútuo e a solidariedade. As pessoas libertários poderão e saberão viver conforme seus desejos e de acordo com as suas proposições; e têm a convicção de que até os mais envenenados pelo vírus de autoritarismo se amoldarão tesudamente a um regime de vida, de trabalho, de auxílio mútuo como o que os libertários preconizam. As pessoas anarquistas abrigam a convicção de que o mundo será feliz somente quando seja livre, quando haja extirpado de seu seio, das suas instituições, das suas idéias a dominação e a exploração do homem pelo homem. Mas não lhes cabe a culpa de que esse ideal não seja sentido já e compreendido por todas. Mesmo sendo numerosos, ainda são minoria, e se, como minoria querem chegar o mais longe possível no terreno das realizações, como integrantes de um vasto conjunto social trabalham para que esse conjunto se desembarace o mais possível das trevas que obstruem o seu direito à vida.

"As pessoas anarquistas proclamam, não com estreito critério de partido, mas com toda a amplitude que a gravidade da hora reclama: somente em torno da bandeira libertária pode lograr-se a unidade de ação de todos os produtores, de todos os que aspiram a viver do seu trabalho.

Urge que se faça dos que querem salvar-se e salvar o planeta de uma situação de sobressaltos e penúrias, a união que não pode criar-se senão no terreno da liberdade, do respeito mútuo presente e futuro. E como conseguir esses resultados pondo em primeiro plano,

como condição, a conquista do Estado e seu domínio para dar força de lei a ambições particulares? Não se quer compreender que o inimigo é o Estado? que o Estado não se pode conciliar com a liberdade, como a água não se concilia com fogo e que tampouco pode conviver com a divisa fundamental:

QUEM NAO TRABALHA NÃO COME?

Quão fácil seria ao povo pôr-se de acordo se não se metessem em suas coisas as pessoas ambiciosas de mando de todos os partidos políticos (esquerda e direita)!

Nem as vias parlamentares nem o caminho da insurreição pelo poder, levarão as pessoas trabalhadoras à posse dos seus produtos e de sua vida.

Por essa razão as pessoas anarquistas exortam as oprimidas, as exploradas, o nosso povo em geral a que renuncie à luta em benefício das que querem viver explorando o esforço alheio.Quando as pessoas más pastoras sentirem isso, então o povo se fraternizará e esse entendimento será o fim do domínio da reação e o começo de uma vida nova.

A salvação está hoje no reconhecimento de nossas reivindicações fundamentais e imediatas: a supressão de aparelho estatal, a abolição da propriedade privada e a reorganização da vida econômica e social sobre novas bases de justiça, de trabalho, de livre desenvolvimento de todas as atividades úteis à vida de cada uma e de toda a coletividade produtora".

DIEGO A. DE SANTILHÃN

Conhece, organiza e emancipa!

outubro

# 17º EXPRESSÕES ANARQUISTAS

## MARILIA/SP

Exposições
Oficinas
Conversas

Convivência
Palestras
Sarau

Evento aberto a todas as interessadas, se organize e participe!

Mais info: exprana@riseup.net

Movimento Anarquista